

38º Encontro Anual da Anpocs
SPG 09 Literatura e Sociedade

O Ceará, “lado moleque” – Literatura e Humor
Francisco Secundo da Silva Neto

O Ceará, “lado moleque” – literatura e humor

O título deste trabalho faz referência ao livro *Ceará, Lado Cômico*, publicado no ano de 1900, de autoria de João Brígido dos Santos (1829-1921), um jornalista, historiador, cronista e político da história do Ceará. Este livro foi composto, na sua maior parte, por uma compilação de artigos e textos já publicados em anos anteriores de modo separado, a novidade era a biografia do autor, que completava 70 anos de vida então (RIOS, 2013). Dentre os textos não inéditos estava um capítulo chamado “Nossos antepassados – bons, burros e bravos”, datado de 1894, o qual trazia crônicas e relatos de causos e situações anedóticas fazendo como que uma “história da vida privada e cômica” do Ceará. Uma das personagens de mais destaque deste capítulo era o Padre Verdeixa, um tipo popular e polêmico que tinha vivido na Província no século XIX aprontando “poucas e boas”.

Apesar da referência a esta obra de João Brígido, entretanto, a palavra “moleque” não figura naqueles textos para descrever o comportamento risível dos cearenses, inclusive o de Verdeixa. Faço esta análise pois uma expressão que atualmente é comumente empregada para designar uma comicidade própria do “povo do Ceará”, o “Ceará moleque”, já circulava quando da publicação de *Ceará, Lado Cômico* e, repito, nessa obra tal expressão não aparece. Aqui não irei me deter na análise desta ou de outra obra de modo específico, uma vez que a proposta é a de analisar as relações entre uma literatura ficcional e de crônicas no Ceará e a criação dessa ideia de “Ceará moleque”. O “Ceará moleque” ou a “molecagem cearense” diz respeito a uma interpretação de “cearensidade” a qual nas últimas duas décadas tem sido apropriada pelo mecanismo institucional do entretenimento-turismo (FARIAS, 2011) na promoção da imagem do estado como “Terra do Humor”.

Segundo uma ideia corrente no “imaginário e memória coletivos” (AUGÉ, 1998) os cearenses seriam gente de espírito irreverente e galhofeiro desde o berço. O epíteto “moleque” com o significado de trocista e brincalhão e como atributo do “povo cearense” é hoje uma ideia mais ou menos difundida socialmente pelo país, muito por conta da fama que humoristas locais obtiveram em âmbito nacional através dos meios de comunicação nas últimas décadas.

Mas, de onde veio essa ideia? Como e quando ela surgiu? Quais outros significados a expressão “Ceará moleque” carrega, para além de “engraçado” e “galhofeiro”? Adiantando rapidamente uma resposta para essas questões afirmo que essa noção ou ideia, como pude apreender por pesquisa, lança suas raízes em uma produção literária local dos finais do século XIX e é retomada de modo intermitente desde então em outros âmbitos e circunstâncias.

Trata-se de um estereótipo cultural? Sim, certamente, mas parafraseando Rui Zink (2011) quando trabalha a “bondade dos estereótipos”, só por estereótipo é possível falar de um humor local, regional ou mesmo nacional. Para além da estereotipia que a ideia implica, o “humor moleque do Ceará” é um dado simbólico, uma representação humorística que juntamente com outras ao redor do país (*o mineiro “come quieto”, o baiano preguiçoso, o carioca malandro*), como ressalta Elias Thomé Saliba (2002), “participaram ativamente desse processo de invenção da imaginação nacional” na construção de tipos, visuais ou verbais, e fomentando estereótipos.

Em tempo, o presente trabalho é fruto de estudo que empreendo no momento no doutorado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará sobre as circunstâncias históricas e as lógicas sociais por trás da temática do “humor cearense”. Procuo a gênese da ideia de “Ceará moleque” e a maneira como ela se torna um emblema de “identidade cearense”. A investigação me direcionou para uma literatura ficcional e de crônicas regionais que descrevem a expressão “Ceará moleque” entre os fins do século XIX e meados do XX. Descobri que a ideia adquire nos diferentes escritos significados os mais diversos, mas apenas por volta dos anos 1930 é que ela é encarada como algo “positivo” para a *cearensidade*.

Homens de Letras na Província e o “Ceará moleque”

Por volta de meados do século XIX a cidade de Fortaleza se consolida como núcleo econômico e político-administrativo (LEMENHE, 1991) da então Província do Ceará. O crescimento da cidade impôs a criação de cursos secundaristas para a formação escolar dos filhos dos grupos sociais mais abastados, como é o caso do Liceu do Ceará, criado no ano de 1845, e o Atheneu Cearense, de 1863. Obediência, disciplina, organização hierárquica da sociedade

e práticas culturais europeizadas eram, segundo Almir Leal de Oliveira (2002), os elementos básicos de “laços de classe” reforçados nessas escolas de formação secundarista.

O fato é que muitos dos literatos e intelectuais da então Província do Ceará – figuras de destaque na ótica de uma historiografia local de anos posteriores – vieram dessas escolas citadas e configuraram, mais intensamente a partir dos anos 1870, uma “cultura letrada” que se expressava através da publicação de revistas, livros, jornais, da realização de saraus, salões literários e da formação de grupos com interesses para além da literatura, também filosóficos e políticos (CARDOSO, 2002; OLIVEIRA Almir, 2002). Uma parte desses grupos se autoproclamavam como grêmios literários e naquela Fortaleza de antanho realizavam uma intervenção intelectual e artística na realidade social de seu tempo. Existiram 36 grêmios, clubes, sociedades e gabinetes de leituras criados apenas na segunda metade do século XIX em todo o Ceará, sendo que 20 destes surgiram e se concentraram em Fortaleza (MOTA, 1994). E foi do meio desses grupos e agremiações literárias do período que surgiram dois romancistas responsáveis por inaugurarem pela primeira vez em meio escrito a expressão “Ceará moleque”.

O Club Literário criado no ano de 1886 teve entre seus fundadores Antônio Sales e Manuel de Oliveira Paiva (OLIVEIRA Claudia, 2002), este último, autor do romance *A Afilhada* de 1889 que saiu impresso em folhetim, no rodapé do jornal *O Libertador*, nos primeiros meses daquele ano. Aqui, neste romance de Paiva, aparece a referida alcunha “Ceará moleque”. Antônio Sales (1868-1940), autor do romance realista-naturalista “*Aves de Arribação*”¹, após a experiência com o Club Literário, foi um dos principais idealizadores da agremiação de artes e letras chamada de Padaria Espiritual, instalada no ano de 1892 em Fortaleza. Este grêmio em particular é importante para esta análise sócio histórica do surgimento da concepção de um “humor moleque” dos cearenses, como demonstrarei mais adiante. E dentre os outros membros fundadores da Padaria estava Adolfo Caminha (1867-1897), autor do romance *A Normalista*, publicado

¹ O referido romance de Antônio Sales foi publicado primeiro em formato de folhetim no jornal carioca *Correio da Manhã* em 1903 e depois em livro no ano de 1914.

em livro no ano de 1893 na cidade do Rio de Janeiro, obra em que novamente aparece a expressão “Ceará moleque”.

É preciso esclarecer, antes de prosseguir, que não é correto afirmar categoricamente por certo que o apelido “Ceará moleque” tenha aparecido pela primeira vez em um romance ou em qualquer meio impresso. E, se antes tal expressão era popularmente conhecida e difundida em um linguajar cotidiano ou citado nas conversas dos intelectuais e escritores do Ceará daqueles tempos, também não é lícito afirmar por certo. O certo mesmo, no entanto, é que quando a expressão aparece nos romances referidos é na intenção de demonstrar um tipo de “caráter cearense”, mais propriamente, uma “faceta não civilizada” ou “negativa” dos, à época, provincianos fortalezenses.

O romance de estilo realista-naturalista *A Afilhada* de Manuel de Oliveira Paiva (1861-1892) foi publicado em forma de folhetim n’*O Libertador* de Fortaleza, órgão de imprensa da Sociedade Cearense Libertadora que lutava pela causa abolicionista no país. Aqui, até onde descobri, aparece pela primeira vez em meio impresso a expressão “Ceará moleque”, porém, na trama, quando o epíteto é citado não se indica ali a ideia de um “povo alegre” ou “engraçado, brincalhão”. Na trama, ambientada na Fortaleza provinciana dos anos 1860-1870, o apelido em foco aparece na forma de um comentário do narrador. O contexto é o seguinte: Vicente, jovem engenheiro educado na sede do Império, a cidade do Rio de Janeiro, escutava sua tia, Dona Maria Fabiana de Góis, “sertaneja da era dos senhores territoriais” e esposa do Desembargador Osório Góis, falar sobre tal Visconde de São Galo. Segundo aquela senhora, este era um nobre titular da cidade com quem ela aspirava casar sua filha, Das Dores. Assim, a Sra. Fabiana Góis só tinha elogios para o “aristocrático futuro genro”:

*No meio da conversa, como era hábito seu adquirido, trazia sempre o Visconde de São Galo. Conhecia-o? O chefe da nobreza da província. Não? Digno dos nossos antepassados! O desembargador ou concordava, ou não tugia. Mas o engenheiro é que ficou embatucado. Senhor, que nobreza era aquela no **Ceará moleque?! Enfim, como não conhecia aquilo bem...** (PAIVA, 1993, p. 188, grifos meus).*

O “Ceará moleque” aqui indica “não nobreza” e “atraso”. O narrador parece querer dizer: *como poderia haver alguma família ou pessoa nobre naquela*

província? Era uma fidalguia cabeça-chata isso sim! A compreensão era de que Fortaleza nunca fora uma “cidade nobre”, nunca fora aristocrática e, mesmo naquele período, com as poucas mudanças urbanas pelas quais passava, ainda estava longe de ser uma cidade “moderna e civilizada”. No início do romance, o narrador avança uma similar compreensão: “A Fortaleza não tinha aristocracia, nem classes, e não sei se hoje tem; por modos que a florescente cidade poderia comparar-se a um organismo em formação, a uma semente fermentando, onde só o olho do sábio divisa o que terá de ser caule, folha, raiz” (PAIVA, 1993, p. 163). A então capital da Província do Ceará, retratada no romance, era uma tradicional cidade sertaneja “meio metida a besta”, mas “atrasada”, conforme sugere o autor.

Desafortunadamente, Oliveira Paiva morreu em 29 de setembro de 1892, sem ter publicado em livros sua produção literária. *A Afilhada*, seu primeiro romance, só saiu em forma de livro pela editora Anhambi, de São Paulo, em 1961, no centenário de seu nascimento. Três anos após a primeira aparição impressa da expressão “Ceará moleque”, ela ressurgiu no romance *A Normalista* de Adolfo Caminha, publicado como referido em livro no Rio de Janeiro no ano de 1893. Nesta obra a Fortaleza provinciana e seus habitantes são descritos com desprezo e em um tom pejorativo. Mais uma vez o apelido de “moleque” dado aos cearenses não queria significar um “povo alegre e brincalhão”, neste romance possuía um sentido pejorativo e aparece na fala de uma personagem que desdenha de um “alcoviteiro” pasquim. Eis o contexto: a estudante da Escola Normal, Maria do Carmo, personagem principal do enredo, reclama a Lídia, sua amiga e confidente, do pasquim *A Matraca* – de acordo com o narrador, “um jornaleco imundo que falava da vida alheia” – o qual escrevera versos sobre seu namorico com o Zuza, um estudante de Direito de Pernambuco que passava férias em Fortaleza. Veja-se o trecho:

– Estás vendo, menina? Lê isto aqui. E apontou com o dedo.
Eram uns versos de pé de viola que contavam o recente namoro do Zuza:

“A normalista do Trilho,
ex-irmã de caridade,
está caída pelo filho
dum titular da cidade

O rapazola é elegante
e usa flor na botoeira:
D. Juan feito estudante
A namorar uma **freira**...

Eis porque, caros leitores,
eu digo como o Bahia:
– Falem baixo, minhas flores,
Senão... a chibata chia!”

Lídia achou graça na versalhada. Ela também já saíra na **Matraca**.
– Um desaforo, não achas? Perguntou a normalista indignada.
– Que se há de fazer, minha filha? Ninguém está livre destas coisas no **Ceará Moleque**. Não se pode conversar com um rapaz, porque não faltam alcoviteiros (CAMINHA, 1997, p. 36-37, grifo do autor).

Além dos referidos “jornalecos imundos”, o narrador se refere ao *Café Java*², às boticas e bodegas como sendo os espaços nos quais os assuntos preferidos eram os escândalos domésticos e os fatos particulares. O “Ceará moleque”, nesse caso, seria um rótulo para indicar aqueles que prestavam atenção na vida alheia e que insultavam com os outros. Era no que basicamente se constituía, para Adolfo Caminha, o “canalhismo de Província”. Noutra passagem, isso fica ainda mais claro. José Pereira, amigo de Zuza, tentava acalmá-lo, já que este, na condição de pretendente de Maria do Carmo, também estava indignado com a versalhada do dito pasquim:

No Ceará não havia outro homem que usasse flor na lapela, dizia; o estudante, filho de titular, que andava a cavalo mais o presidente da Província, era ele, Zuza. Estava claro, claríssimo, que a diatribe, o insulto, a infâmia referia-se a sua pessoa, e o único meio simples, fácil e positivo de se ensinar um patife é dar-lhe de rebenque na cara. Conclusão: o redator do **Matraca** não só ia engolir o papelucho, mas também apanhar de rebenque no focinho, custasse o que custasse!
– Grandíssimo canalha!
– Mas no Ceará não se faz reparo nessas coisas, meu Zuza. O insulto nesta terra é um divertimento como qualquer outro, [...]. Cada cidadão aqui é uma verdadeira **Matraca**. Não te importes, não dês cuidados... Isto dizia-lhe o José Pereira [...] (CAMINHA, *op. cit.*, p. 66, grifo do autor).

“O insulto nesta terra é um divertimento como outro qualquer”, “Cada cidadão aqui é uma verdadeira **Matraca**”. O insulto e a canalhice dos “cearenses”

² Um dos quatro cafés em estilo *chalet* francês instalados na década de 1880 na Praça do Ferreira, no centro comercial de Fortaleza.

que são retratados em *A Normalista* veiculam uma crítica social sobre aquela Fortaleza de antanho. O romancista denunciava uma cidade habitada, segundo ele, por “alcoviteiros” e uma “gentinha provinciana canalha”. O adjetivo “moleque” é aí uma designação para a “canalha bisbilhoteira” e “insultante” que habitava aquela monótona capital da Província. Há um fato curioso que, penso, seja interessante ressaltar aqui. Adolfo Caminha e Oliveira Paiva além de serem contemporâneos e conterrâneos, se conheciam. Caminha teve contato com a pequena produção literária de Paiva, conforme indica Sânzio de Azevedo (1999). Depois da morte de Paiva, Caminha escreve uma página sobre o falecido no jornal *O Operário*, no dia 9 de outubro de 1892. Ele teria ido visitar o moribundo companheiro nos seus dias finais e descreveu o seguinte:

Quem havia de supor? O Paiva, que eu muitas vezes vi passar, triunfante como um herói legendário, entre alas de “amigos” que o cortejavam abertamente; o Manuel Paiva das quermesses, com seus epigramas finíssimos a fazer rir toda uma geração hipocondríaca e atrofiada pela indolência, aquele belo tipo cearense honesto e laborioso, britando *au jour le jour*, como um mineiro da Arte, o mármore fulgurante do seu grande talento, **O Oliveira Paiva d’A Afilhada, o analista vigoroso da vida cearense**, ali estava longe das alegrias ruidosas deste meio, (...); ali estava, triste contradição! Moribundo, sem amigos, consolando-se com a extrema-unção de um olhar que nunca o abandonara... (apud AZEVEDO, 1999, p. 74, grifos meus).

Então, terá Adolfo Caminha retirado o apelido “Ceará moleque” da leitura d’*A Afilhada* de Oliveira Paiva? Pode-se especular apenas, mas não é correto dizer por certo. O que se sabe, de fato, é que Caminha conhecia o citado romance do conterrâneo e colega de letras antes de publicar *A Normalista* em 1893, obra que começou a ser escrita em 1892, ou seja, três anos depois da publicação em folhetim do romance de Paiva, que ocorrera no início do ano de 1889, em Fortaleza, quando Caminha já se encontrava na cidade (AZEVEDO, 1999). Integrantes do mesmo círculo de literatos/intelectuais e moradores da mesma *provinciana cidade* que se transformava e crescia, Oliveira Paiva e Adolfo Caminha realizaram com essas obras, cada um a seu modo, uma conscienciosa crítica social à sociedade fortalezense dos fins do século XIX. E o epíteto “moleque” lançado ao Ceará significou dizer que o “caráter cearense” era “não nobre”, “não civilizado”, “canalha” e “insultante”. O “Ceará moleque” tratava-se de

um *estigma* (GOFFMAN, 2013) e não de um emblema ou marca positiva. A galhofa e o escárnio que a expressão procurava despertar era a de um *riso agressivo* (MINOIS, 2003) e mesmo acusatório ou denunciativo de uma realidade da qual os autores não se orgulhavam.

Os Padeiros do espírito: vanguarda modernista e moleques?

Na obra sobre a história do riso e do escárnio de Georges Minois (2003), ele afirma que exaltar o riso ou condená-lo, colocar o acento cômico sobre uma situação ou sobre uma característica, revela muito das mentalidades de uma época ou de um grupo. Porém, arrisco a completar afirmando que exaltar ou condenar o riso de uma época ou grupo também revela o modo como o presente trata o passado ou, de outro modo, como os vivos retratam os mortos. Penso que este tem sido o caso, quando alguns incautos intelectuais e cronistas contam a história da Padaria Espiritual, uma agremiação de jovens rapazes de letras e artes criada no ano de 1892 em Fortaleza.

Exatamente no dia 30 de maio do ano 1892, no Café Java, um quiosque da Praça do Ferreira à época, um grupo de rapazes com origens sociais ligadas aos setores médios e baixos da capital e outros provindos do interior cearense fundaram essa Padaria Espiritual. Gleudson Passos Cardoso (2006) ressalta que esses jovens exerciam profissões como funcionários da alfândega, caixeiros e eram “escritores menores”, sem filiação com as facções político-oligárquicas locais. Dentre os fundadores estavam Álvaro Martins, Adolfo Caminha, Sabino Batista, e Antônio Sales. Este último o principal idealizador e mais ativo membro da agremiação uma vez que, como afirma Leonardo Mota (1994) em uma obra de 1938 sobre a Padaria, Sales foi o responsável por batizar o grupo, redigir o Programa de Instalação, escrever o livro de Atas e o Retrospecto – nos quais apontou os sucessos e as desventuras da associação – e endereçava toda a correspondência que os Padeiros tinham com outros literatos e intelectuais do país. Antônio Sales, no seu *Retratos e Lembranças* de 1938, diz sobre o que pretendia na época com a criação da Padaria: “uma cousa nova, original e mesmo um tanto escandalosa, que sacudisse o nosso meio e tivesse repercussão lá fora” (apud MOTA, 1994).

Como estabelecido pelo Programa de Instalação as sessões da Padaria eram chamadas de “fornadas”, o local onde se realizava “o forno” e seus integrantes, “padeiros”, e ainda, possuíam um órgão divulgador intitulado “O Pão”, uma vez que arte e informação são alimentos do espírito. De acordo com o artigo 2 do dito Programa a Mesa da Padaria era composta por um “Padeiro-Mor” (presidente), dois “forneiros” (secretários), um “Gaveta” (tesoureiro), um “Guarda-livros” (bibliotecário) e um “Investigador das Coisas e das Gentes” chamado de “Olho da Providência” (MOTA, 1994). Ainda, o artigo 6 do Programa de Instalação ordenava aos membros à adotarem um “nome de guerra único”. Inspirados na “linguagem do populacho”, segundo Gleudson Passos Cardoso (2006), saíram apelidos como “Policarpo Estouro” (Álvaro Martins), “Félix Guanabarino” (Adolfo Caminha), “Moacir Jurema” (Antônio Sales), “Lucas Bizarro” (Lívio Barreto), “Sátiro Alegrete” (Sabino Batista), dentre outros. Com uma proposta diferente da maior parte das outras agremiações da época, a Padaria evitava o formalismo acadêmico e a retórica do proselitismo bacharelesco (CARDOSO, 2006).

Aos padeiros era importante valorizar uma “cultura brasileira” que teria suas raízes na realidade popular que compunha a nação, elegendo “os modos de vida dos habitantes dos sertões e vilarejos como definidores do caráter nacional” (CARDOSO, 2006, p. 23). O artigo 14 do Programa proibia o uso de palavras estranhas a língua vernácula; o 21 estabelecia que seria julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falasse de animais ou plantas estranhas a fauna e a flora brasileiras como cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho; e o artigo 34 obrigava-se a organizar um “Cancioneiro Popular, genuinamente cearense”.

Um sobrinho de Antônio Sales, Pedro Nava, médico e escritor mineiro, afirmou no seu livro de memórias “Baú de Ossos”, publicado no Rio de Janeiro nos anos 1960, que o aspecto irreverente, revolucionário e iconoclasta da Padaria Espiritual “só encontra símile no movimento que sairia, trinta anos depois, na Semana de Arte Moderna de São Paulo de 1922” (apud MOTA, 1994). Sânzio de Azevedo, em nota de rodapé do referido livro de Leonardo Mota sobre a Padaria Espiritual, também faz a mesma ressalva quando lembra a respeito do citado artigo 21 do Programa de Instalação que a fuga de termos estrangeiros fora anos depois da Padaria preocupação nacionalista de Monteiro Lobato e do movimento

modernista paulista. Indago e não afirmo, todavia, se é possível apontar ou não por isso a Padaria Espiritual como “vanguarda modernista”, uma vez que esta agremiação representava, isso sim, mais um sintoma do que estava acontecendo em todo o resto do país naquele período histórico com os literatos e seus escritos enviesados de críticas sociais mescladas com uma valorização daquilo que era considerado “popular” no Brasil.

Assim, quando da sua fundação a Padaria e, melhor dizendo, aqueles jovens literatos adotaram com irreverência e humor a crítica social e a valorização de uma “cultura popular” nas ações e missões da agremiação. E é possível perceber o tom humorístico desse grêmio de artes e letras no seu Programa de Instalação com 48 artigos, o qual, devido a iniciativa de Sales de enviar cópias para outros literatos e intelectuais de outras cidades brasileiras, “foi transcrito em quase todos os jornais do Brasil” (MOTA, 1994) à época. O artigo 11 do Programa de Instalação proibia aos seus membros (os padeiros) o “tom oratório” nas palestras “sob pena de vaia”; o artigo 16 obrigava os padeiros a dizerem uma “pilhéria de espírito” por semana, aquele que não cumprisse pagaria aos sábados café para todos; o artigo 26 declarava inimigos naturais dos padeiros o Clero, os alfaiates e a polícia. A irreverência era patente no referido Programa de Instalação e nas reuniões e ações dos padeiros como na vez que um deles com barbas postiças discursava nas ruas para os passantes e quando os padeiros desfilaram em público com um pão de 3 metros (AZEVEDO, 2011). A Padaria se desfez depois de um ano e retornou meses depois, fato que fez com que Antônio Sales dividisse entre duas fases, primeira e segunda, a experiência da agremiação (AZEVEDO 2011). A segunda fase da Padaria, iniciou-se em 05 de outubro de 1894 com velhos e novos membros e tomou ares mais sérios.

Acerca da primeira fase da Padaria, Rodolfo Teófilo, no seu *Cenas e Tipos* de 1919, se refere a “antiga Padaria” como sendo composta “quase na sua totalidade” de boêmios, mas que reunia os “maiores talentos” da época como Antônio Sales, Adolfo Caminha, Lívio Barreto, Álvaro Martins. Para Leonardo Mota (1994), essa primeira fase da Padaria foi “bulhenta e boêmia” e os padeiros forçavam “a notoriedade pelo escândalo das atitudes imprevistas e chocantes para o ramerrão do meio”. Em 1926 no jornal *O País* do Rio de Janeiro, Antônio Sales comentava: “A princípio, a Padaria Espiritual timbrou em conservar um

caráter de brincadeira, visando impressionar pela excentricidade de seus atos e gestos” (apud MOTA, 1994, p. 50). O jornal da agremiação, *O Pão*, que circulou em um primeiro momento de julho a novembro de 1892 com seis números é, segundo Leonardo Mota (1994, p. 81), “o vivo espelho do espírito de troça que animava os revolucionários letrados da terra dos cabeças-chatas”. Esse “humor de troça”, a irreverência dos padeiros no início, contrasta com o segundo momento da Padaria dita por Leonardo Mota como um período de “seriedade e trabalho”. Para Dolor Barreira, no seu *História da Literatura Cearense* de 1948, a segunda fase da Padaria era “séria, frutificadora e construtiva” e diminuiu o “espírito de troça que essencialmente a caracterizava” (apud AZEVEDO, 2011).

Destarte, o tom do humor e da irreverência dos padeiros até dado momento, como se pode notar, não estava associado a algo “positivo” ou mesmo de valor para a Padaria Espiritual. Até os anos 1930, até ao menos a obra aqui citada de 1938 do folclorista Leonardo Mota sobre a Padaria, desconheço qualquer associação ou referência feita entre essa agremiação e a expressão “Ceará moleque” propriamente dita. Embora reconheça que a leitura da “irreverência dos padeiros”, ao menos na primeira fase do grupo, já poderia servir para indicar tal associação, não era plausível referendar um adjetivo como o de “moleque” a “homens de letras”, cidadãos de elevado *capital cultural* que mesmo “boêmios” eram considerados “talentosos” na pena. A leitura sobre o espírito de galhofa dos padeiros feita pelos cronistas do dito período histórico não os rotulou como “cearenses moleques”.

O padeiro Félix Guanabario (Adolfo Caminha), em texto publicado no nº 2 de *O Pão*, de julho de 1892, acusava a “burguesia” de destratar a Padaria chamando-os de “idiotas sem eira nem beira” e “pilantras sem letras” e retrucava dizendo que Fortaleza era uma “cidadezinha sofrível e atrasada com laivos de civilização” (apud CARDOSO, 2006). A Padaria seria uma solução para aquela cidadezinha atrasada pois a “literatura e as artes” seriam “os melhores tônicos para o espírito”. Apesar de Leonardo Mota (1994, p. 131) ter considerado Caminha como um padeiro “pouquíssimo animado de boa vontade para com a Padaria Espiritual”, pois só compareceu às três primeiras reuniões da agremiação, este demonstrava combatividade neste trecho citado para com a agremiação e seus colegas de letras. Sendo assim, talvez, à época, Adolfo

Caminha chamasse de “moleques” aqueles “canalhas” que destratavam da Padaria e não seus companheiros de agremiação. A associação entre o “Ceará moleque” e a Padaria Espiritual é uma leitura bem posterior à experiência daqueles então jovens “talentosos e ilustres” literatos que procuraram causar, como disse Antônio Sales, uma “sacudida no nosso meio”.

Outros significados para a “molecagem” e sua *emblemática*

A associação entre a ideia de “Ceará moleque” e figuras ilustres como os literatos e intelectuais da história do Ceará é algo que ocorre apenas em meados dos anos 1930. Todavia, logo depois das obras de Paiva e Caminha ao final do século XIX a dita expressão continuou a ser reproduzida nos anos seguintes com os mais variados significados e nos mais variados contextos. O “humor moleque” do “povo cearense” pode ter surgido como algo “negativo”, mas por razões variadas vai tomando ares de um emblema ou até mesmo, como acontece hoje em dadas situações, de uma “distinção cultural” valorosa da qual alguns cearenses se orgulham. Elenco a seguir algumas aparições da expressão “Ceará moleque” em publicações diversas seguindo uma lógica histórica diacrônica e referenciando apenas aqueles escritos onde propriamente a expressão é retomada.

No ano de 1897, a 2 de maio, sai o primeiro número de uma folha pasquineira de Fortaleza que trazia o seguinte título: *Ceará Moleque – Revista Caricata*. O pasquim de cunho jocoso-sério, ao lado de muitos outros de sua época³, praticava um *humor para corrigir costumes* (SILVA, 2004). O objetivo dessas folhas volantes era o de estimular condutas decorosas através do humor, chamando atenção de maneira cômica para as “faltas morais” dos cidadãos. Ideologicamente convencidos com ideias de “civilização, progresso e modernidade”, os redatores e colaboradores daquelas folhas volantes condenavam, assim, uma gama de comportamentos, posturas e práticas que fossem consideradas desviantes das “regras certas” de convivência social moderna como “namoros indevidos”. O redator da *Ceará Moleque* alertava assim

³ Marco Aurélio Ferreira da Silva (2004) relaciona alguns outros: *O Moleque* (1890); *O Bemteví – Órgão Crítico Litterario e Noticioso* (1892); *O Chocalho – Órgão Chocalheiro* (1898); *O Belecho – Órgão dos Filhos da Candinha* (1899); *O Charutinho – Jornal Amolecado* (1900).

seus leitores: “Seis horas marca o relógio e a estas horas já me acho percorrendo as ruas, praças e subúrbios de nossa capital, a rir, a rir, a rir muito das tolices dessa pobre humanidade cheia de prejuízos e entusiasmos [sic]” (apud SILVA, 2004, p. 136). O “moleque” aqui significava bisbilhotice e deboche dos vícios alheios, com uma intenção cômico-corretiva das condutas desviantes.

Em 1902, em uma obra intitulada *Crítica e Polêmica*, publicada na cidade do Rio de Janeiro de autoria de Frota Pessoa é tecida uma análise sobre *A Normalista* de Adolfo Caminha na qual surge mais uma vez a referida expressão. Na tentativa de demonstrar o sentimento do romancista cearense quando, de modo cruel, descreve a vida daquela Fortaleza provinciana em que viveu, o crítico literário sentencia:

O Ceará burguês e o Ceará moleque estão retratados nessas páginas perduráveis com uma angústia e uma naturalidade que não são de nenhum escritor deste momento. Foi talvez agressivo, mas na sua situação deviam ser desculpados esse ardor e essa represália contra a sociedade que o perseguiu e que não lhe quis perdoar (apud AZEVEDO, 1999, p. 80).

Frota Pessoa concede à expressão um sentido de “classe social” quando menciona que o “Ceará burguês” e o “Ceará moleque” estavam retratados na obra de Caminha. Este autor aponta o dito rótulo como a indicação de um dado lugar social, o qual é diferente ou contrário ao lugar da *burguesia cearense*. O “Ceará moleque” indicava, nesta crítica, a população não “burguesa”, a qual não sabia viver um mundo civilizado, urbano e moderno. Uma “classe social” que se identificava na obra de Caminha por seu canalhismo e insultos com a vida alheia. O que ressalto, aqui, é o seguinte: até então o que o epíteto “moleque” indicava era que o “povo cearense” cultivava uma irreverência canalha e insultuosa. A então “molecagem cearense” denunciava, assim, uma *identidade social estigmatizada ou deteriorada* (GOFFMAN, 2013).

A expressão reaparece em outra obra literária publicada no Rio de Janeiro, desta vez no início da segunda década do século XX. No ano de 1911, no *Jornal do Commercio* da capital fluminense é publicada, em forma de folhetim, a novela *Um Motim na Aldeia*, assinada por Cosme Velho, pseudônimo de Tristão

de Alencar Araripe Júnior (1848-1911)⁴. O enredo é ambientado no final do século XVIII, no tempo que o Brasil era colônia de Portugal, precisamente na antiga Vila do Forte – como era chamada a cidade de Fortaleza, nos tempos da dominação portuguesa. Em resumo, o romance relata um caso pitoresco ocorrido em fins do século XVIII na Vila do Forte envolvendo uma autoridade do governo colonial, o capitão-mor Féo e Torres, um açougueiro chamado Fagundes e um pé de cajueiro (exatamente). Segundo a descrição de Tristão de Alencar Araripe Júnior (1975), o açougueiro Fagundes era um “capadócio de marca”:

Fagundes, pois, pertencia a esse gênero de gente, que, pelos tempos adiante, se alcunhou de **Ceará-moleque**. O Ceará-moleque é a encarnação de todas as qualidades elementares resultantes da mestiçagem, não só física, mas também moral, da plebe cearense. Alegres, audaciosos, despreocupados, mofando de tudo, pertinazes, os cearenses dessa origem, com os seus hábitos sertanejos, quando perseguidos pelas intempéries, pelo tufão da desventura, hibernam, mas não sucumbem. É possível que na confecção dessa resistência de faquires, tenham andado por muito as crises climáticas das secas. Todo homem nascido naquelas regiões é, em regra, de temperamento periódico: ora abundância, ora penúria. Contudo o fôlego sempre alerta (ARARIPE JR., 1975, p. 80, grifo do autor).

A “irreverência inata” do “povo cearense” teria o açougueiro Fagundes como um dos seus representantes mais antigos no romance de Araripe Júnior. Este, que fora crítico literário do livro *A Normalista* de Caminha em 1893⁵, cava os alicerces n’*O Cajueiro do Fagundes* do “Ceará moleque” ao indicar que “todo cearense é moleque por natureza” pelas *qualidades elementares resultantes da mestiçagem*. Há aqui a criação de uma *mitificação da molecagem cearense*. O “Ceará moleque” de Araripe Júnior ainda se refere à *canalha* e ao *atraso*. No entanto, aí é exposta a ideia de que por causa da mestiçagem “física e moral” e

⁴ A novela que anos mais tarde, entre janeiro e outubro de 1929, é publicada na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, mas com um título diferente: *O Cajueiro do Fagundes (episódio cearense)*. E é com este título, no ano de 1975, que o romance ganha uma edição em forma de livro pela Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social de Fortaleza.

⁵ Araripe Júnior foi crítico da obra *A Normalista* de Adolfo Caminha, e isso bem antes de escrever *O Cajueiro do Fagundes*, ou seja, ele pode ter tomado conhecimento da expressão em foco através do conterrâneo. Em um de seus trabalhos de crítica literária, publicado no ano de 1893 – ano, aliás, de publicação do citado romance de Caminha –, em uma revista chamada *A Semana* (provavelmente do Rio de Janeiro), Araripe escreveu sobre *A Normalista*: “Quem quiser conhecer a cidade de Fortaleza e intoxicar-se um pouco com a barbaria semicivilizada de uma capital provinciana [...], não tem mais do que abrir o livro de Adolfo Caminha e entregar-se à leitura de suas páginas sem preocupação de crítico” (apud AZEVEDO, 1999, p. 85).

devido à resistência criada em resposta às intempéries climáticas – “[...] os cearenses dessa origem, com os seus hábitos sertanejos, quando perseguidos pelas intempéries, pelo tufão da desventura, hibernam, mas não sucumbem” – a “plebe cearense” é irreverente e audaciosa. As secas que assolaram o Ceará desde suas origens e a mestiçagem, assim, justificariam a molecagem de seu povo. O cearense seria tradicionalmente moleque porque é uma “raça” mestiça que não sucumbe, mas que resiste às adversidades.

Na revista *A Jandaia*, uma publicação sobre arte, literatura e atualidades que circulou em Fortaleza na década de 1920, a edição de número 46, datada de 17 de janeiro de 1925, trazia o seguinte texto:

Não sabemos quem, estudando a psicologia dos brasileiros, assinalou em cada Estado, de maneira interessante, um símbolo. Coube ao Ceará a mais forte característica – a de “moleque”! Não sabemos se pela rebeldia de sua gente, se pela irreverência de seu povo, o certo é que o cognome de “moleque” vem se aplicando a todas as notas dissonantes que, de quando em quando, o Ceará, pelos seus representantes, comete irrefletidamente (apud PONTE, 2001, p. 175).

Como se observa, aqui, o responsável por este texto, usando um recurso retórico, imagina que algum estudo sobre “a psicologia dos brasileiros” tenha atribuído ao Ceará esse símbolo. E ainda se pergunta o porquê do cognome “moleque” (“pela rebeldia de sua gente” ou “pela irreverência de seu povo”?). No fim, afirma que tem sido aplicado a “todas as notas dissonantes” cometidas pelos “representantes” do Ceará de forma “irrefletida”. O referido “símbolo cearense”, na revista, não era bem visto ou bem aceito, tratando-se, assim, de um cognome, no mínimo, não simpático para o Estado e sua população. Essa posição um tanto quanto refratária a tal símbolo se confirma em outra ocasião, na mesma revista. No número 80, com data de 03 de setembro de 1927, em um artigo intitulado “Hábitos Locais”, *A Jandaia* se refere a um “espírito moleque”, mas agora de um modo mais incisivo. Nota-se no trecho seguinte que “ser moleque” é um “grande defeito” dos habitantes do Ceará:

O espírito moleque que nos domina, acha-se traumatizando todo o Brasil e, quem sabe, por outras paragens longínquas, como uma característica cearense [...]. Nos bondes, nas festas, em tudo por fim notamos o

grande defeito que nos pesa, maltratando os nossos foros de gente culta (apud PONTE, 2001, p. 175).

O “espírito moleque” uma “característica cearense” que maltratava “os nossos foros de gente culta”. Aqui, definitivamente, está claro que o significado de “moleque” para o Ceará era o de *defeito moral*. Não havia nada de “positivo” para os que faziam *A Jandaia* em ser moleque de espírito. Bem, até então não, mas em 1931 quando esta expressão surge outra vez com outro significado, essa “negatividade” é, no mínimo, suspensa.

Rodolfo Teófilo (1853-1932), sanitarista, farmacêutico, romancista e ex-integrante da Padaria Espiritual na sua segunda fase – nascido por força de circunstâncias em Salvador na Bahia, pois como costumava dizer, “Sou cearense porque quero” (apud MENEZES, 2006, p. 169) –, se referiu ao apelido sem execrá-lo no seu livro de crônicas *Coberta de Tacos*, publicado em 1931. Teófilo relata que em uma festa particular, um presidente de Estado vaiou um homem embriagado “com longos e finos assobios”. Então, o escritor explica a vaia: “É que os cearenses são irreverentes por índole, garotos por temperamento..., tanto que os nossos maiores chamavam a nossa terra deles: Ceará-Moleque” (apud MONTENEGRO, 2001, p. 163). Ressalto: os *nossos maiores!* Aqui, o autor além de identificar uma “índole irreverente” do “povo cearense”, aparenta ser mais simpático ao rótulo, pois os “grandes nomes do nosso passado” já alcunhavam o Ceará de moleque, e termina por apresentar outra justificativa ao definir a “irreverência cearense” como *garotice – os cearenses são garotos por temperamento!*

Em 1936 o epíteto em questão foi claramente enaltecido. Renato Söldon, ensaísta e jornalista, nascido no ano de 1903 na cidade de Guaramiranga, interior do Ceará, publicou uma obra intitulada *Ceará Moleque (humorismo cearense)*⁶, em 1936. Neste livro, o autor traz um elenco, por ordem alfabética, de figuras que seriam como que representantes ilustres de um “Ceará moleque” e relata curiosos e cômicos acontecimentos protagonizados por cada um deles. Dentre estes, se encontram personalidades como Álvaro Weyne,

⁶ Esta obra de Renato Söldon faz parte do acervo de obras raras da Biblioteca Municipal de Fortaleza Governador Menezes Pimentel.

Gomes de Matos, Gustavo Barroso, João Brígido, Leonardo Mota, Paula Ney, o Pe Alexandre Verdeixa e Quintino Cunha. A propósito, Quintino Cunha (1875-1943), advogado e poeta, tio de Renato Sólton, é visto ainda hoje como a figura histórica mais significativa do “jeito moleque de ser cearense”⁷ pelos vários causos inusitados (contados e recontados por vários outros cronistas) de que fora protagonista. A molecagem torna-se aqui apanágio de “nobres personalidades” da história do Ceará.

Assim, associada aos ilustres cidadãos da história cearense o adjetivo “moleque” começa a adquirir um sentido positivo. Reproduzo aqui alguns comentários de Renato Sólton feitos no posfácio de “Ceará Moleque”:

<<Ceará Moleque>> é, ainda, na presente edição, um ensaio verdadeiramente apressado do anedotário e do sarcasmo cearense.

[...]

A muitos o título deste livro parecerá ofensivo àquela coisa complicada e de sete cabeças que se chama <<bairrismo>>.

E dirão, ventas resfolegantes para o ar, que isso de Ceará Moleque é uma afronta!

Temendo pois, ira tão apocalíptica, nós vos afirmamos que esse ultrajante adjetivo – Moleque – não tem a acepção escaldante do vernáculo. (SÓLDON, 1936).

Alerta feito! Para “muitos” daqueles que se sentirem ofendidos o “moleque” do *Ceará Moleque* de Sólton não carregava ali a “acepção escaldante do vernáculo”, o qual conforme os dicionários atuais da língua portuguesa (é fácil consultar qualquer um) possui significados para a palavra como os de “indivíduo irresponsável”, “patife, canalha”, “trocista”. E noutra obra de outro memorialista nos anos 1950 o adjetivo “moleque” para o Ceará, do mesmo jeito, não imprimia as acepções pejorativas do verbete.

Herman de Castro Lima (1897-1981), romancista, contista e crítico literário, nascido em Fortaleza, publica no Rio de Janeiro em 1959 o livro de memórias, *Imagens do Ceará*, no qual o autor narra sua experiência de vida no Ceará nas duas primeiras décadas do século XX. Herman Lima fala da seguinte maneira de certo “espírito cearense”:

⁷ “Ninguém em toda nossa história encarou melhor o jeito ‘moleque de ser’ cearense do que Quintino Cunha”. Esta citação foi retirada da contra-capla do livro *Quintino Cunha*, de Francisco José Souza, edições Demócrito Rocha, Fortaleza, 2002, coleção Terra Bárbara.

Espírito que varia da ironia mais viva e pungente à sátira procaz, da simples anotação humorística ao pitoresco dum rótulo definitivo para homens e coisas. Não é dos menores por certo, ao contrário do que pareça, o título de Ceará Moleque, tantas vezes lançado pejorativamente ao mesmo berço de Alencar, em contraposição aos outros apelativos de Terra da Luz e Terra de Sol. Nem há porque se desdenhe dum gênero em que tanto se requer de sutileza intelectual, vivacidade e malícia, seja na chispa de gênio tantas vezes anônimo do povo, pois nele se compraz tanto o poeta ou o romancista de renome, como o cantador de improvisos ou o próprio homem da rua (LIMA, 1997, p. 135-136).

O “Ceará moleque” é o título que se dá a esse “espírito” e segundo Lima, “nem há porque se desdenhe dum gênero em que tanto se requer de sutileza intelectual”. Além de tal exaltação à “chispa de gênio tantas vezes anônimo do povo”, Herman Lima também foi um dos que contribuíram para que um curioso acontecimento, ocorrido em janeiro de 1943 em Fortaleza, fosse identificado como mais uma “expressão de nossa irreverência”. Refiro-me ao inusitado episódio da “vaia ao sol”. O fato registrado em jornal da época ocorreu na Praça do Ferreira, logradouro que é, segundo o memorialista, “palco das mais imprevistas e irreverentes reações da jovialidade cearense” (LIMA, 1997, p. 55). Um pouco depois de descrever o referido fato, Herman Lima ainda falava saudosamente de Fortaleza: “Tão pequenina, minha cidade de antigamente, mas tão linda e *alegre* e limpa e arrumadinha como um brinquedo grande de Nuremberg” (LIMA, 1997, p. 57, grifo meu). Dentro do contexto aqui exposto, o adjetivo “alegre” poderia muito bem ser substituído pela palavra “moleque”.

Ficando por aqui

Verena Alberti (1999) afirma, no seu *O riso e o risível na história do pensamento*, que durante o século XX, o riso juntamente com o jogo, a arte e o inconsciente constituem o espaço do indizível ou do impensado, espaço necessário para que o pensamento sério se desprenda de seus limites. O humor entendido como o motivador do riso pode se enquadrar na mesma posição oposta a seriedade do mundo, seja o mundo racional das ciências ou o mundo da fé religiosa, por exemplo. O “humor moleque cearense”, da galhofa, do deboche, da garotice, era o oposto, nas obras de Oliveira Paiva e Adolfo Caminha, das ordens estabelecidas da civilização e do bom convívio, da vida séria, enfim. Mas,

naqueles escritos, o “Ceará moleque” obteve um lugar para se expressar de modo mais notório, mesmo que seus autores o utilizassem para as suas críticas sociais àquela cidade de Fortaleza e seus habitantes “atrasados e canalhas”.

O humor e o riso para além de definições ontológicas são fenômenos humanos por excelência e sobre eles não há uma explicação unívoca. Jan Bremmer e Herman Roodenburg (2000, p. 16) afirmam que estudos como, por exemplo, os de Henri Bergson (*O Riso* de 1899) e de Sigmund Freud (*Os Chistes...* de 1905 e *O Humor* de 1928) se empenharam “em encontrar uma teoria abrangente para o humor e o riso”; e “uma falha comum a todas essas tentativas é o pressuposto tácito de que existe algo como uma *ontologia do humor*, que o humor e o riso são transculturais e ahistóricos”. Conforme Bremmer e Roodenburg, tanto o riso como o humor são fenômenos determinados pela cultura e é preciso inseri-los em um dado contexto social e histórico para se poder entendê-los. Pessoas de culturas diferentes e, também, de posições sociais diferentes, riem de coisas diversas e por razões variadas.

Tratar o riso e o humor como fenômenos culturais significa perceber que são particulares as razões pelas quais os indivíduos riem nas diferentes sociedades. Assim, no estudo de fenômenos dessa natureza, não se deve buscar explicações acabadas, pois não existem. Os olhares diferenciados (das ciências naturais, da sociologia, da psicologia, da filosofia, da história, etc), lançados sobre *o rir e o fazer rir*, a exemplo do que ocorre na análise de outras manifestações culturais, não devem pretender (cada um em si) serem absolutos, nos seus resultados. Ao contrário, podem ser complementares as diferentes interpretações formuladas.

A ideia de “Ceará moleque” é um constructo histórico e social que surge através dos homens de letras locais no século XIX e se difunde com os mais diversos significados ao longo do tempo. Uma ideia, ou melhor, uma interpretação sobre o que faz ser cearense ligada a variados esquemas de percepção, classificação e ordenação de mundo dos quais todos esses escritores aqui citados compartilhavam, de certo modo, com o seu tempo. Esses escritores não “descobriram” e nem “denunciaram” um “histórico comportamento amolecado” do “povo cearense”. O que todos eles fizeram foi compartilhar uma simbolização e/ou significação do mundo do qual fizeram parte. Simbolização que ao longo do

tempo, com a valorização nacional de tudo aquilo que era considerado do povo ou popular pelos movimentos modernistas do país (ORTIZ, 1994), passa por uma positivação ou emblematização.

Hoje, de modo emblemático, a expressão “Ceará moleque” e seus similares – gaiatice, molecagem, irreverência cearense – está na raiz mesma da ideia de que no Ceará existe um “povo irreverente, alegre e que ri até dos próprios infortúnios”. Emblema que o mecanismo institucional do entretenimento-turismo no estado hoje investe para fins de atração turístico-cultural. O dito epíteto fundamenta hoje práticas e expressões artístico-lúdicas e orienta ações institucionais na preservação de uma “identidade cearense moleque”.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/FVG, 1999.

ARARIPE JR., Tristão de Alencar. **O Cajueiro de Fagundes (Episódio Cearense)**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno/Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1975.

AUGÉ, Marc. **A Guerra dos Sonhos: exercícios de etnoficção**. Campinas, SP: Papius, 1998.

AZEVEDO, Rafael Sânzio de. **Breve História da Padaria Espiritual**. Fortaleza: EUFC, 2011.

_____. **Adolfo Caminha (Vida e Obra)**. 2ª ed., revista. Fortaleza: EUFC, 1999.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 6ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

_____. **O Poder Simbólico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman. “Introdução: humor e história” In: _____. (Org.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BRÍGIDO, João. **Ceará, Lado Cômico (algumas crônicas e episódios)**. Fortaleza: Ed. Louis C. Cholowiecki/ Typogaphia Moderna a Vapor-Atheliers-Louis, 1900. (Acervo do setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel)

CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. Fortaleza: Diário do Nordeste, 1997.

CARDOSO, Gleudson Passos. Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso. 2ª ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

_____. “Literatura, imprensa e política (1873-1904)” In: SOUZA, Simone e NEVES, Frederico de Castro (Org.). **Intelectuais**. Fortaleza: EDR, 2002.

CARVALHO, Jáder de. **Antologia de João Brígido**. Fortaleza: Ed. Terra de Social, s/d.

ELIAS, Norbert. **Escritos e Ensaios Vol 1**: estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FARIAS, Edson Silva de. **Ócio e Negócio**: festas populares e entretenimento-turismo no Brasil. Curitiba: Editora Appris, 2011.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Os chistes e sua relação com o inconsciente**. 2 ed. Volume VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1987.

_____. O Humor In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: O Futuro de uma Civilização, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos**. Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, s/d.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. **As razões de uma cidade**: conflito de hegemonias. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

LIMA, Herman. **Imagens do Ceará**. 2º ed. Fortaleza: UFC – Casa José de Alencar Programa Editorial, 1997.

LIMA, Zilda Maria de Menezes. “A cidade de Fortaleza na literatura do século XIX” In: SOUZA, Simone e NEVES, Frederico de Castro (Org.). **Comportamento**. Fortaleza: EDR, 2003.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. “Rodolpho Theophilo” In: _____. (Org.). **O pensamento brasileiro de clássicos cearenses**. Vol. 2. Fortaleza: Instituto Albanisa Sarasate, 2006.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MONTENEGRO, Abelardo F. “Ceará-Moleque” In: SÁ, Gildácio José de Almeida (Org.). **Interpretação do Ceará**. Fortaleza: Casa José de Alencar/Programa Editorial, 2001.

MOTA, Leonardo. **A Padaria Espiritual**. 2ª ed. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1994.

OLIVEIRA, Almir Leal. “Universo letrado em Fortaleza na década de 1870” In: SOUZA, Simone e NEVES, Frederico de Castro (Org.). **Intelectuais**. Fortaleza: EDR, 2002.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. As ideias científicas do século XIX no discurso do Club Literário. In: SOUZA, Simone e NEVES, Frederico de Castro (Org.). *Intelectuais*. Fortaleza: EDR, 2002.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAIVA, Manuel de Oliveira. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**: reforma urbana e controle social (1860-1930). Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2001.

RIOS, Renato de Mesquita. **João Brígido e sua escrita de uma história para o Ceará**: narrativa, identidade e estilo (1859-1919). Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em História e Culturas. Fortaleza: 2013. 148 f.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso** – a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. **Corrige os costumes rindo**: humor, vergonha e decoro na sociabilidade mundana de Fortaleza (1850-1900). 2004. 197 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

_____. “Uma Fortaleza de risos e molecagem” In: SOUZA, Simone e NEVES, Frederico de Castro (org.). **Comportamento**. Fortaleza: EDR, 2003.

SÓLDON, Renato. **Ceará Moleque (humorismo cearense)**. Fortaleza: Ed. Silveira Marinho & Cia, 1936. (Acervo do setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel)

ZINK, Rui. “Da bondade dos estereótipos” In: LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, humor e caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.